

EAD: QUEBRANDO PARADIGMAS¹

Gizele Costa da Silva²

Falar em políticas públicas, já é complicado, imaginem então falar em políticas públicas na educação.

Tema que gera controvérsias, que traz à tona inquietudes e conflitos, que nos remete a sentimentos de perda, de impotência, de descrédito. A cada mudança, e não foram poucas, fica a sensação de que nós, educadores, não fomos ouvidos o suficiente. Pergunto: será que alguma vez fomos realmente ouvidos, levados em consideração? Qual a nossa contribuição nesta verdadeira gangorra?

Um dos maiores desafios da educação brasileira continua sendo promover o acesso a escolaridade para o maior número possível de pessoas, para que dessa forma, esses atores, sejam eles adolescentes ou adultos, tenham a perspectiva de serem inseridos no mundo do trabalho.

Vivemos um momento especial da história da humanidade. Grandes transformações estão ocorrendo em todo o planeta, com grande velocidade e difícil dimensionamento. O progresso científico e tecnológico vem alcançando níveis elevadíssimos, em todas as áreas do conhecimento, reconfigurando o processo produtivo, a economia, o meio ambiente, a sociedade e as relações interpessoais. Neste contexto, é preciso repensar nossa prática pedagógica e aprofundar o debate em torno de políticas educacionais inclusivas.

É importante ter a consciência que mesmo que consigamos a universalização do acesso a educação em nosso país, ainda a muito a fazer. Não se admite mais a profunda concentração de renda, a falta de moradia, de saneamento, de transporte de péssima qualidade, o desemprego, os milhares de trabalhadores rurais sem acesso a terra, os baixos salários, a violência, ou seja, a exclusão.

¹ Palestra proferida no VI SEUR, Pelotas, 2010.

² Professora da disciplina de Geografia no Instituto Federal Sulriograndense

Só podemos almejar a inclusão social e escolar se admitirmos as evidências da exclusão. É necessário reafirmar que se queremos uma alternativa para a sociedade que está posta é preciso que se tenha uma visão sistêmica, é muita ingenuidade continuar acreditando que somente a educação vai resolver os nossos problemas. É a mais importante, mas não a única.

Por se tratar de um tema amplo, faço uma rápida abordagem neste artigo de uma entre tantas políticas públicas em educação editadas: a Educação a Distância. Tema polêmico para alguns, indiferente para outros e apaixonante para mim. Não é o caso de ser a favor ou contra esta ou aquela política e sim de reconhecer que algumas podem ajudar a diminuir as diferenças e este é o caso da EAD. Deixando de lado, o preconceito ou a ignorância de alguns sobre o tema, deixo para os mais sensíveis a provocação sobre a validade da utilização do ensino a distância num país, de dimensões continentais e marcado pela diversidade.

A EAD não é uma ferramenta nova no processo educacional brasileiro, várias experiências ao longo do tempo foram desenvolvidas e são mantidas até hoje, portanto não é novidade, nem modismo e os dados estatísticos nos mostram que ela passou a ser um fator de inclusão, mesmo com as limitações que apresenta.

Antes de outras considerações, abro um parêntese para uma reflexão: até que ponto, nós que nos intitulamos educadores, estamos abertos as novidades, as alterações, as mudanças ou a qualquer coisa que altere a nossa rotina em sala de aula? Quantos de nós paramos e analisamos o que está sendo proposto? Quantos de nós se propõem a tentar? Não serão estes os motivos que nos levam a criticar a EAD?

Ou será o medo de perder nosso espaço enquanto detentores do saber? Medo de ser substituído pela máquina? Quanto tempo perdido. Este pensamento, já está ultrapassado, não estamos mais na primeira onda de desenvolvimento dessa espécie de curso, hoje isto não é mais novidade. No início, o eixo norteador da EAD era orientar os professores quanto ao uso das TICs (Tecnologias de Informação e Comunicação), na atualidade o foco é o aluno, nós professores, apenas facilitamos a aquisição do conhecimento. Mas para isso acontecer precisamos ser flexíveis, ter humildade para aprender com

os alunos e disposição para trabalhar em conjunto. E o mais importante, não perder a afetividade. Nosso aluno está longe no sentido da espacialidade, mas tem que estar perto, se sentindo parte do processo, amparado pelos laços da afetividade.

Fica evidenciado por algumas experiências já implementadas que é possível fazer educação de qualidade à distância. Ressalto que esta é uma modalidade que veio para ficar, mas que não veio para substituir o ensino presencial, que ela deve ter a mesma qualidade deste, ou melhor, e infelizmente ainda não é para todos. A EAD também possui problemas, fracassos, despreparos e cursos desqualificados e um grande problema de evasão gerado pela falta de disciplina dos alunos que não se comprometem em participar das atividades propostas, falta de incentivo por parte dos tutores e professores e falta de motivação além de ter em seu entorno uma série de mitos, tais como: as pessoas vão aprender mais rapidamente, não vão “gastar” tempo para aprender, que é mais fácil a aprendizagem, que educação a distância é igual à educação em massa, que o computador faz milagres, entre outros.

A experiência com o curso de Licenciatura em Geografia a distância pela REGESD (Rede Gaúcha de Ensino Superior a Distância) tem mostrado na prática, que é preciso comprometimento, seriedade, determinação, flexibilidade, humildade e, principalmente, reconhecer que nesta modalidade de ensino, o papel do professor é outro, o de facilitador, de guia e de aceitação, pois, temos tanto a aprender com nossos alunos quanto eles tem conosco.